

ANTES DA EPIDEMIA CHEGAR: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO DO RISCO PERFORMADO NAS POLÍTICAS DE PREVENÇÃO, CONTROLE E VIGILÂNCIA DO *Aedes Aegypti* EM PORTO ALEGRE.

NATHÁLIA DOS SANTOS SILVA (UFRGS)
ORIENTADOR: PROF. DR. JEAN SEGATA (PPGAS-UFRGS)

Esta pesquisa aborda as políticas de prevenção, controle e vigilância do *Aedes aegypti* no município de Porto Alegre, de um ponto de vista antropológico. O objetivo é fazer um estudo etnográfico do monitoramento do risco epidêmico realizado pela Equipe de Vigilância de Ratos e Vetores (EVRV), atentando às redes sociotécnicas que o performam.

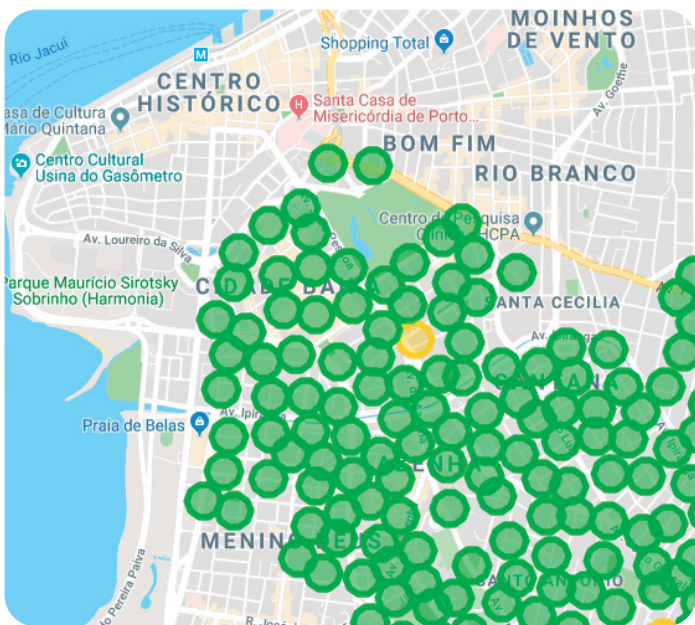
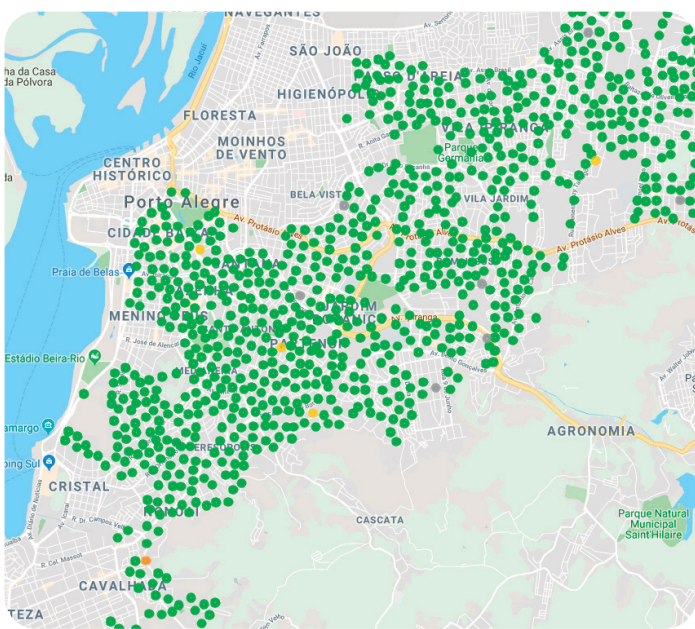
A EVRV é parte da Coordenadoria Geral de Vigilância e Saúde, vinculada à Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre. Cotidianamente, essa equipe efetua ações em campo que produzem uma variedade de dados sobre a população de mosquitos - a partir da instalação e inspeção semanal de armadilhas espalhadas pela cidade (cujas amostras de mosquitos capturados são enviadas para análise viral) ou das aplicações de inseticida. Essas ações vêm sendo abordadas por Jean Segata (2017, 2018) e Elisa Oberst Vargas (2018) em estudos que compõem o projeto mais amplo no qual esta pesquisa se insere. O foco de minha pesquisa, no entanto, está no que acontece “depois” dessas ações em campo, quando os dados já coletados chegam à mesa (ou melhor, ao computador) de veterinários, biólogos e jornalistas para se tornarem mapas, gráficos, índices, alertas e notícias que produzem a política de combate ao *Aedes* em Porto Alegre de uma forma singular. Como é medido o risco epidêmico? Que redes sociotécnicas sustentam o conhecimento produzido? Como dados produzem políticas?

Discussões dos campos da Antropologia da Ciência e da Técnica e da Antropologia das Relações Humano-animal estão no horizonte teórico desta pesquisa, especialmente a partir de temas como biopolítica (Foucault, 2008), comunicabilidade de epidemias (Briggs, 2010), processos de tradução, redes sociotécnicas (LATOUR, 1997, 2004; LAW, 1989), performance e realidade múltipla (MOL, 2007). Metodologicamente, trata-se de um estudo qualitativo de abordagem etnográfica que privilegia os métodos da análise de documentos, entrevistas e observação participante, com registros em gravador e diário de campo.

O estudo ainda está em fase inicial. Inspirada nas etnografias de laboratório, tenho tentado acompanhar como, de modo tão digital e automatizado quanto artesanal, os dados produzidos pela EVRV são compostos, manuseados, replicados, combinados, transformados e rerepresentados para fazer aparecer zonas de risco epidêmico na cidade de Porto Alegre. A equipe monitora não só o arbovírus em mosquitos e humanos, a população de mosquitos e os casos humanos de infecção, mas também o clima, a incidência de chuvas e ventos, as frentes frias e as massas de ar quente - que interferem na progressão das transmissões de formas variadas. Além disso, as possibilidades de transmissão das doenças são reconstituídas numa dimensão espacial (distribuição da população de mosquitos, circulação de pessoas) tanto quanto temporal (ciclo de vida dos mosquitos, do arbovírus, tempo da aplicação do inseticida). Arranjos específicos de tais dados compõem, ainda, uma estratégia de comunicação do risco epidêmico para o público geral em tempo real, através de sua divulgação direta no site ondeestaoaedes.com.br.

Nesse contexto, motivada pelo trabalho de John Law (1989), percebo as tabelas, números, mapas e gráficos (manuseados pela equipe em seus computadores) como novas materialidades conferidas a mosquitos, pessoas e vírus, que permitem sua articulação de novas maneiras, em um trabalho de investigação do futuro possível de seus encontros na cidade.

O estudo ainda está em andamento e pretende contribuir para os debates antropológicos acerca da relação entre tecnologias ditas globais e o modo como existem localmente, das relações entre práticas científicas e políticas públicas, e das relações entre humanos e não-humanos. A contribuição possível da antropologia para as políticas de combate ao *Aedes aegypti* implementadas em Porto Alegre é ainda uma questão que acompanha este trabalho.



FONTE: ondeestaoaedes.com.br